

Preconceito em debate Além de proteger Israel, governo Bush quer evitar precedente para indenizações

EUA esvaziam conferência sobre racismo

Paulo Braga

De São Paulo

Começa hoje na África do Sul a polêmica conferência da ONU sobre racismo. O encontro foi parcialmente esvaziado pela recusa dos EUA em enviar uma delegação de alto nível e é vítima ainda do conflito entre árabes e israelenses. Espera-se pouco resultado concreto além de uma condenação de várias formas de racismo, incluindo a prática do trabalho escravo nos dias de hoje.

A reunião vai até 7 de setembro, na cidade de Durban. O secretário de Estado dos EUA, Colin Powell, anunciado inicialmente

como chefe da delegação americana, não estará presente. Oficialmente, sua ausência é uma reação à possibilidade de uma reunião igualar sionismo a racismo. Estados árabes pressionam para que o comunicado oficial condene ações de Israel contra palestinos.

Em vez de Powell, os EUA enviaram uma delegação de médio escalão do Departamento de Estado. Dependendo do conteúdo do documento final, ele não será endossado por Washington.

Além dos ataques a Israel, os EUA também estão preocupados com a possibilidade de a conferência resultar num texto favorável ao pagamento de reparações pela es-

cravidão aos negros, e mesmo em um pedido de desculpas formal em relação à escravidão.

Alguns diplomatas acreditam que a ação pró-Israel dos EUA é um modo conveniente de Washington evitar discussões sobre a escravidão que poderiam ter consequências políticas, legais e financeiras no longo prazo. "Para os EUA a questão da escravidão é muito mais importante. Israel é uma cortina de fumaça", disse um diplomata ao jornal "Financial Times".

O documento final da conferência não tem força de lei, mas poderia ser o primeiro passo para ações legais por indenizações. Mesmo um pedido de desculpas formal

pela escravidão não seria bem recebido pela ala mais conservadora do Partido Republicano, do presidente George W. Bush.

A África do Sul espera que o documento final da reunião ao menos admita o dano causado à África pela escravidão, o que poderia abrir espaço para o aumento da ajuda externa ao continente e iniciativas de perdão da dívida externa dos países mais pobres.

"A conferência não vai ter o mesmo impacto sem a participação dos EUA", disse Joe Feagin, professor de sociologia da Universidade da Flórida e autor de mais de 30 livros sobre relações raciais nos EUA. Segundo ele, o episódio mos-

tra uma queda de prestígio do Secretário de Estado Powell dentro do governo Bush. "Ele está ficando com uma imagem de vendido, como se estivesse submetendo-se aos interesses dos brancos."

Powell, que é negro, representa a ala "liberal" da política externa do governo Bush, em oposição à também negra Condoleezza Rice, assessora de segurança nacional, e ao secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, mais conservadores.

Feagin diz que o comportamento do governo em relação à conferência pode prejudicar sua imagem junto à comunidade negra americana, mas admite que eventuais consequências eleitorais pa-

ra Bush serão praticamente nulas, já que só 1% dos negros votaram nele na última eleição.

O professor acredita também que a ausência de Powell é mais um episódio que ilustra o crescente isolamento dos EUA em sua política externa.

Desde o início do governo Bush, os EUA se retiraram do Protocolo de Kyoto, anunciaram que deixarão o tratado que proíbe a construção de defesas antimísseis e se recusaram a regulamentar acordo contra armas biológicas. "Não podemos nos comportar como o menino que é o dono da bola e decide acabar com o jogo", comparou Feagin. (Com *Financial Times*)